

O crioulo de Sri Lanka e as suas propriedades fonológicas

The creole of Sri Lanka and its phonological properties

Mariana Pinto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

up201905001@edu.letras.up.pt

Recebido: 03-04-2025

Aceite: 19-05-2025

Publicado: 25-06-2025

RESUMO: As especificidades fonológicas dos crioulos são um objeto de estudo que carece de investigação na atualidade. De forma a preservar o valor e o contributo das línguas crioulas para a diversidade linguística, o presente trabalho incide sobre as propriedades fonológicas do crioulo originário de Sri Lanka (antigo Ceilão), com o objetivo principal de se consolidar alguns dos aspetos fundamentais sobre o mesmo. Pretende-se, essencialmente, analisar o inventário fonológico e as propriedades suprasegmentais relativas à sílaba e ao acento do crioulo em causa. Para isso, foi selecionado um *corpus* desenvolvido a partir de uma lista de palavras, as quais permitiram estabelecer a contagem de sílabas entre o português e o crioulo, identificar as principais estruturas e padrões silábicos da língua crioula e, também, produzir gráficos que demonstram a análise dos resultados obtidos. Além disso, com o auxílio de bibliografia relevante, são apresentadas noções gerais sobre o contexto socio-histórico de Sri Lanka e algumas particularidades sobre a sua fonologia, elaborando-se em simultâneo uma breve comparação com a fonologia do português. Detetou-

se primeiramente que os sistemas consonântico e vocálico das duas línguas são semelhantes nos fonemas que apresentam. Depois, constatou-se que o português e o crioulo têm uma contagem silábica de palavras próxima, com poucas divergências. Foram observados, também, vários tipos de estruturas e padrões referentes à sílaba no crioulo, sendo a estrutura CVCV e o padrão CV os predominantes. Por fim, entendeu-se que o acento obedece a regras específicas no crioulo, tornando-o numa língua particular e também representativa das influências do tâmil e do cingalês, as línguas de substrato.

PALAVRAS-CHAVE: Crioulo; Sri Lanka; Inventário fonológico; Propriedades suprasegmentais.

ABSTRACT: The phonological specificities of creoles are an object of study that is currently in lack of research. In order to preserve the value and contribution of creole languages to linguistic diversity, this work focuses on the phonological properties of the creole originating in Sri Lanka (formerly Ceylon), with the main objective of consolidating some of its fundamental aspects. The aim is, essentially, to analyze the phonological inventory and the suprasegmental properties related to the syllable and accent of the creole in question. To do so, a corpus developed from a list of words was selected, which allowed establishing the syllable count between Portuguese and the creole, identifying the main structures and syllabic patterns of the creole language and also producing graphics that show the analysis of the results obtained. In addition, with the help of relevant bibliography, general notions about Sri Lanka's socio-history and some particularities about its phonology are presented, while making a brief comparison with the phonology of Portuguese. It was first detected that the consonant and vowel systems of the two languages are mostly similar in the phonemes they present. Then, it was found that Portuguese and the creole have a similar syllabic word count,

with few differences. Various types of structures and patterns referring to the syllable were also observed in the creole, with the CVCV structure and the CV pattern being the predominant ones. Finally, it was understood that the accent obeys specific rules in the creole, making it a particular language and also representative of the influences of Tamil and Sinhalese, the substrate languages.

KEY-WORDS: Creole; Sri Lanka; Phonological inventory; Suprasegmental properties.

Introdução

O presente estudo tem como foco a análise das propriedades fonológicas do crioulo de Sri Lanka, nomeadamente dos seus sistemas consonântico e vocálico e das suas estruturas suprasegmentais, alusivas à sílaba e acento. Este trabalho também tem como objetivo, além de abordar as especificidades fonológicas do crioulo, apresentar dados socio-históricos sobre Sri Lanka e descrever as condições de contacto que conduziram à formação dessa língua. Será apresentada, igualmente, uma comparação entre as semelhanças e diferenças fonológicas e de acentuação existentes entre a língua lexicalizadora, ou seja, o português, e o crioulo. As questões de investigação às quais se visa responder com a realização deste estudo são as seguintes: (i) Como se forma a fonologia do crioulo de Sri Lanka?; (ii) Que inferências podem ser retiradas da contagem silábica entre o português e o crioulo?; (iii) “Quais são as estruturas e padrões silábicos predominantes no crioulo?”; (iv) “Como é que o acento difere nas duas línguas?”. Espera-se, assim, atingir resultados que captem, sobretudo, as principais características do inventário fonológico, as

regularidades e padrões comuns referentes à estrutura silábica e as características na utilização do acento do crioulo de Sri Lanka, de modo a estabelecerem-se as suas propriedades fonológicas principais.

Revisão de literatura

McWhorter (2001) e Bakker et al. (2011) defendem que as línguas crioulas são línguas tipologicamente excepcionais, com características particulares e distintivas das línguas naturais. Contudo, neste estudo assume-se uma outra perspetiva, a perspetiva de que os crioulos devem ser encarados verdadeiramente como línguas, tal como assinala Muysken (1998, p. 300): “The very notion of a *creole* language from the linguistic point of view tends to disappear if one looks closely; what we have is just a language”.

De acordo com Bickerton (1984), os crioulos nascem de *pidgins*, que são línguas que emergem em situações de contacto intenso (e.g. no comércio, em navios, na força de trabalho, em bairros urbanos, etc.) e que funcionam como uma língua segunda ou língua franca (Velupillai, 2015), a qual é usada na comunicação interétnica num espaço geográfico vasto. De acordo com o autor, os crioulos são línguas tipologicamente semelhantes, que preservam as estruturas das línguas de substrato, sendo a língua lexicalizadora a fonte da maioria do léxico dos crioulos ou *pidgins* (Lefebvre, 1998). Quanto às propriedades internas destas línguas, Bickerton (1984) contempla os crioulos como uma representação do traço não-marcado dos traços linguísticos, ou seja, traços básicos, frequentes, da aquisição precoce. Nesta perspetiva, os crioulos são vistos como uma materialização da gramática universal (Silva, 2024).

Para além da abordagem de Bickerton (1984), que classifica os crioulos como um caso excecional de aquisição de linguagem, existem outras abordagens de definição e classificação. Thomason e Kaufman (1988) consideram os crioulos uma consequência do contacto entre línguas, enquanto Arends (2001) e Mufwene (2010) percecionam os crioulos como línguas que surgem de condições socio-históricas específicas. Estas abordagens unem campos de estudo que interagem com a linguagem, como a Aquisição de Línguas, a Linguística Histórica e a Sociolinguística. Nas palavras de Silva (2024), todas estas abordagens estão em concordância em dois aspetos: a formação dos crioulos tem origem no contacto abrupto; o estudo do desenvolvimento e organização dos sons das línguas foi negligenciado pelos estudiosos crioulistas, sendo a fonologia das línguas crioulas um tema que carece de maior investigação. Até ao momento, as línguas crioulas são amplamente classificadas segundo a língua lexicalizadora, isto é, são agrupadas de acordo com a língua dominante no contacto linguístico.

Há, também, modelos que conceptualizam a mudança fonológica das línguas. Schleicher (1863) defende que as línguas mudam como os organismos, ou seja, passam por transformações, ramificações e até possíveis extinções, o que conduz a uma conceção representacional genealógica das línguas, em árvores cladísticas. No entanto, os crioulos desafiam essa conceção, uma vez que provam que uma representação genealógica é inadequada para as classificar, considerando a mistura de influências linguísticas que está omnipresente no seu desenvolvimento e as diferentes relações familiares que estão na sua origem. Concretamente, Schuchardt (1917)

apoia essa visão e acredita que as línguas são como uma atividade dinâmica, em constante evolução e, como tal, não podem ser rigidamente classificadas por genealogia. Nesse sentido, os crioulos não se parecem adaptar ao modelo de ascendência evolutiva proposto por Schleicher (1863), pelo facto de serem línguas que refletem a mistura de situações de contacto e influências mútuas entre grupos linguísticos, tendo como resultado raízes familiares muito variadas e distintas entre si. Os crioulos vão contra a representação de um sistema linguístico fixo e hereditário e, por isso, simbolizam a mistura, a mudança e a inovação linguísticas.

Com base nas características que parecem melhor caracterizar a origem dos crioulos, a história da Crioulística é basilar para se entender a complexidade da criação das línguas e dos seus laços familiares, bem como as condições em que são geradas, atendendo ao paradigma histórico e sociológico em curso. Torna-se primordial reforçar a importância da formação dos crioulos, a sua preservação para a ciência, e, acima de tudo, para o ramo de conhecimento da Linguística, sem esquecer as áreas da Biologia e Antropologia, que se dedicam ao estudo do passado de línguas que não têm registos escritos até aos séculos XIX e XX. É nesse âmbito que este estudo surge, para se combater as lacunas de investigação sobre línguas crioulas, um objeto de estudo evitado e colocado de parte ao longo do tempo: “In historical phonology and historical linguistics, more generally, creoles are often an avoided subject.” (Silva, 2024, p. 83).

Quanto ao objeto de estudo deste trabalho, o crioulo de Sri Lanka, trata-se de um crioulo proveniente do sul da Índia, considerado um crioulo de comércio, que surgiu após o

estabelecimento de um posto comercial em Colombo em 1517 (data do primeiro assentamento), embora o território tenha sido ocupado em 1505, ou, possivelmente, mais cedo (Smith, 2013). Este crioulo, de base lexicalizadora portuguesa, foi formado na primeira metade do século XVI e originou-se do contacto entre portugueses, tâmeis e cingaleses (Silva & Trigo, 2022). Portugal dominou o território durante um período de tempo consideravelmente longo (1517-1658), mas acabou por perder controlo sobre o mesmo. Consequentemente, o território foi tomado pela Holanda, que passou a ocupar um lugar importante na administração oficial, anteriormente dirigida por Portugal. Depois de períodos de conflitualidade constante entre as duas forças, deu-se a capitulação das últimas fortalezas e postos portugueses em 1658. No entanto, os holandeses acabaram por ser derrotados pelos ingleses em 1798, e, mais tarde, a ilha tornou-se independente em 1948. Com isto, podemos considerar o holandês e o inglês como adstratos do crioulo de Sri Lanka, pois foram línguas que tiveram influência linguística no território por várias décadas. As línguas de substrato são o tâmil e o cingalês, dado que são as línguas que eram faladas em Sri Lanka antes da chegada dos portugueses. Os adstratos (holandês e inglês) e substratos (tâmil e cingalês) são as línguas que tiveram contacto com a formação do crioulo de Sri Lanka. Os falantes deste crioulo eram membros de comunidades denominadas de *Burghers*, constituídas maioritariamente por descendentes de homens portugueses bem como de homens holandeses e mulheres locais (Silva & Trigo, 2022). Este crioulo declinou rapidamente quando estas comunidades, estratificadas entre *Burghers* portugueses e *Burghers* holandeses, decidiram abandonar o uso do crioulo e passaram a adotar a língua

inglesa a partir do século XIX. Trata-se de um crioulo gravemente ameaçado e que está, atualmente, perto de se extinguir, uma vez que é falado por um grupo de pessoas muito reduzido. Segundo Jackson (1990), os maiores grupos identificáveis de falantes do crioulo localizam-se em Batticaloa, Trincomalee e Puttalama. Os falantes das comunidades de Batticaloa e Trincomalee são bilingues em tâmil e cingalês ou inglês, e, na maioria das famílias, o tâmil suplantou o crioulo como língua materna (Smith, 2013). É importante destacar, como conclusão desta secção, que o impacto cultural que o português teve em Sri Lanka ainda se mantém até aos dias de hoje nas tradições do povo, refletindo-se, por exemplo, nos empréstimos de origem portuguesa que foram adotados por parte das línguas locais: “The Portuguese have left their stamp on Sri Lankan social administration, society, fine arts, and language. This imprint can be traced through the Portuguese lexical borrowings in Sinhala (...). There are at least a thousand Sinhala words with Portuguese etyma.” (Jayasuriya, 2000, p. 257).

Metodologia

A recolha de dados relativa à situação sociolinguística de Sri Lanka e aos acontecimentos históricos da origem do crioulo consistiu nas referências bibliográficas disponibilizadas pelo APiCS Online (*The Atlas of Pidgin and Creole Language Structures*). A partir dos vários capítulos descritivos sobre o crioulo, incluídos no website mencionado, foi relativamente fácil aceder a fontes confiáveis como meio de se obter mais detalhes sobre a história e situação atual do crioulo de Sri Lanka. A referência a gramáticas, dicionários e tópicos

especializados tornou a pesquisa mais enriquecedora, uma vez que proporcionou uma recolha de dados mais rápida e intuitiva. Concluída a recolha dos dados socio-históricos, preencheu-se uma tabela com as seguintes informações, que pode ser consultada na hiperligação presente no final desta secção: “Language” (língua), “Area” (área onde a língua é falada), “Lexifier” (língua lexicalizadora), “FirstMajorSettlement” (data do primeiro assentamento), “EndOfInfluence” (data do fim da influência das línguas de contacto), “ContactConditions” (condições de contacto), “LanguageContact” (línguas de contacto), “NumberOfLanguages” (número das línguas), “Bilingualism” (existe bilinguismo ou não) e, por último, “Notes” (informações adicionais).

No que se refere ao *corpus* selecionado, a investigação deste estudo baseia-se numa lista de palavras entendida como culturalmente neutra e tendencialmente universal, constituída por 208 palavras. A escolha do tipo de *corpus* envolvido neste estudo prende-se com o facto de que a análise de palavras permite avaliar fonemas e características suprasegmentais em simultâneo, sendo necessários para sustentar os resultados a apresentar. A lista Swadesh⁹¹ (Swadesh, 1955), que serviu como suporte para a análise deste estudo, foi preenchida a partir de dados previamente recolhidos. Importa sublinhar que este procedimento metodológico, baseado na escolha de

⁹¹ Com base em Silva (2024, p. 85), as listas Swadesh permitem comparar padrões entre as línguas crioulas, visto que compilam vocabulário que se pressupõe ter sido o ponto de partida para o seu processo de adaptação e formação: “(...) the use of Swadesh lists allows us to make some generalizations about the grouping and the genealogical relationships of Portuguese-based creoles.”

uma lista Swadesh, é importante para a léxico-estatística, assim como para o estudo cronológico das relações entre línguas, servindo de alicerce para o método comparativo. No caso do crioulo de Sri Lanka, existiram línguas constantemente em contacto com a formação do seu léxico ao longo de várias décadas. Acedendo ao *corpus*, é possível encontrar vocabulário básico, originário da língua lexicalizadora, que resistiu às influências advindas do contacto com outras línguas, mais concretamente, com os adstratos.

A partir dos dados da lista Swadesh elaborada no Google Sheets, o primeiro passo foi transcrever em IPA⁹² as palavras no crioulo (SourceWord) e em português (TargetWord). De seguida, fez-se a transcrição ortográfica das palavras em português (TargetOrthography) e a tradução das mesmas em inglês (Translation). O segundo passo fundamentou-se no tratamento da sílaba, que preparou os dados para a análise posicional dos fonemas (inicial, medial e final). Para isso, acrescentaram-se novas colunas com a divisão silábica do conteúdo das colunas “SourceWord” e “TargetWord” anteriormente referidas. Esta anotação levou a um terceiro passo, ainda associado à sílaba, onde se criaram mais duas colunas dedicadas à indicação do número de sílabas de cada palavra no crioulo (SourceWordSyl) e em português (TargetWordsSyl), permitindo, assim, visualizar na transferência de léxico do português para o crioulo a redução ou aumento das sílabas. Depois, as linhas da tabela foram desdobradas em conformidade com o número de sílabas de cada palavra, de forma a criar e a preencher os seguintes campos:

⁹² IPA – International Phonetic Alphabet

“SourceSyllabe” (transcrição IPA de cada sílaba da palavra no crioulo), “TargetSyllabe” (transcrição IPA de cada sílaba da palavra em português), “PositionSource” (valor numérico correspondente à posição que a sílaba representada em “Syllable” ocupa no crioulo), “PositionTarget” (valor numérico correspondente à posição que a sílaba representada em “Syllable” ocupa no português) e, por fim, “Process” (o processo de transformação que ocorre entre o crioulo e o português). Após o preenchimento de todos os campos mencionados, a individualização das sílabas em células diferentes possibilitou a verificação de uma redução ou aumento de complexidade na constituição das sílabas. O *corpus* pode ser consultado na seguinte hiperligação: [Lista Swadesh do crioulo de Sri Lanka](#). Pode-se encontrar o *corpus*, também, no final do trabalho, no apêndice.

Resultados e Discussão

Nesta secção, tenciona-se determinar os fonemas que foram mantidos no sistema fonológico do crioulo, em comparação com os fonemas do português, constatar as regularidades e formatos estruturais relativos à sílaba, assim como apontar os padrões silábicos mais comuns no crioulo através de gráficos e exemplos, e, finalmente, explicitar algumas das regras do uso do acento, comprovando-se como esse uso se reflete na acentuação das palavras do crioulo.

A pesquisa sobre cada um dos tópicos mencionados basear-se-á na análise fonológica de Smith (1977), uma vez que é o estudo mais completo que existe até à data e que envolve investigação direta com falantes nativos da área Batticaloa em Sri Lanka. As secções seguintes, destinadas ao estudo do inventário fonológico e das propriedades

suprasegmentais (sílabas e acentos) do crioulo, apoiam-se também em Smith (1977) devido à ausência de estudos conclusivos e precisos que incluam contacto direto com falantes da língua crioula em foco. Contudo, os resultados fundamentam-se igualmente em exemplos do *corpus* e nos gráficos produzidos com base nos dados registados, com o propósito de se tornar a pesquisa desenvolvida mais ampla e objetiva.

Em primeiro lugar, começará por ser apresentado o inventário fonológico do crioulo de Sri Lanka e algumas das suas particularidades segmentais. Para o efeito, recorre-se a uma breve análise comparativa com o português.

Tabela 1 – Sistema consonântico do crioulo de Sri Lanka

		bilabial	labio-dental	dental	alveolar	palatal	velar
plosive	voiceless	<i>p</i>		<i>t</i>			<i>k</i>
	voiced	<i>b</i>		<i>d</i>			<i>g</i>
nasal		<i>m</i>			<i>n</i>	<i>ɲ</i>	<i>ŋ</i>
tap					<i>r</i>		
fricative	voiceless		<i>f</i>		<i>s</i>		
	voiced				<i>z</i>		
affricate	voiceless					<i>c</i> [tʃ]	
	voiced					<i>j</i> [dʒ]	
lateral approximant					<i>l</i>		
central approximant			<i>v</i>			<i>y</i> [j]	

Fonte: APiCS

Analisando o conteúdo da tabela 1, verifica-se que o crioulo apresenta 19 fonemas consonânticos, a maior parte de origem portuguesa, aos quais poderiam ser adicionados aqueles que ocorrem em palavras emprestadas do inglês (oclusivas apicoalveolares) e do tâmil (consoantes retroflexas) (Smith, 2013). Segundo Clements (2012), todos os crioulos indo-portugueses retiveram 15 dos 26 fonemas do português dos séculos XV e XVI: as oclusivas /p, b, t, d, g, m, n/, as fricativas /f, s/, as líquidas /l, r/, as africadas /tʃ, dʒ/ e a glide /j/. Apesar deste número considerável de semelhanças, o crioulo apresenta algumas particularidades de articulação consonantal que não são encontradas no português. É relevante salientar, sobretudo, o facto de que a fricativa labiodental portuguesa /v/ [v] é substituída por uma aproximante labiodental /v/, a qual representa um traço consonântico do inventário fonológico próprio do Sul da Ásia (e.g. [ovidu] – [ovi:du]) (Smith, 2013). Outro fonema a sublinhar é a nasal velar /ŋ/, que é marginal no crioulo de Sri Lanka, ou seja, é um fonema fonologicamente diferenciado da maioria dos segmentos que fazem parte do inventário deste crioulo, uma vez que se trata de uma consoante irregular que apenas surge num morfema quantificacional [uŋ] (um) e em formas relacionadas ao mesmo, como [uŋa] (uma) e [aluŋ] (algum).

Tabela 2 - Sistema vocálico do crioulo de Sri Lanka

	front	central	back
close	i ii		u uu
close-mid	e ee		o oo
open-mid	ɛ ɛɛ	a	ɔ ɔɔ
open		aa	

Fonte: ApiCS

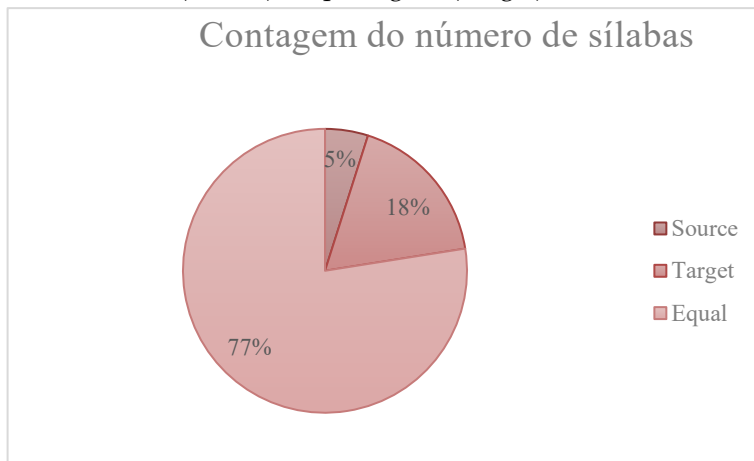
Em relação aos fonemas vocálicos, apresentados na tabela 2, constata-se que o crioulo de Sri Lanka tem um sistema vocálico próximo do português, uma vez que reteve 7 das suas vogais: /i, e, ɛ, a, u, o, ɔ/. Contudo, as vogais fechada alta central /i/ e semiaberta média-baixa central /e/ não fazem parte do seu inventário fonológico (e.g. [v'zɔjtɪ] – [aze:ti]; [bɐ'riɣɐ] – [bari:ja]). Normalmente, as palavras que terminam com a vogal /i/, no português, adotam a vogal /i/ no crioulo (e.g. ['verdi] – [ve:rɔdi]). É de ressaltar, de igual modo, que se perdeu a distinção entre vogais nasalizadas e não nasalizadas (e.g. [grɛ̃di] – [gra:ndi]), o que significa que não existe nasalização no crioulo. Embora as vogais do crioulo derivem do inventário fonológico do português, as suas características parecem assemelhar-se às do tâmil, uma vez que tanto no tâmil como no crioulo as vogais distinguem-se pelo alongamento, ou seja, se são curtas ou longas (Smith, 1977). Isto significa que o crioulo desenvolveu o alongamento vocálico como método de distinção entre vogais no seu inventário.

Pode-se considerar, então, que o crioulo perde a nasalização, mas emprega um contraste de alongamento vocálico por substituição, tal como se observa na distribuição das vogais patentes na tabela 2. Além disso, tal como no cingalês e no tâmil, sequências internas de duas vogais não são possíveis no crioulo (Smith, 2013).

Em segundo lugar, nesta secção pretende-se ainda abordar algumas das propriedades suprasegmentais do crioulo com o apoio visual de gráficos, para se atingir uma análise mais clara dos resultados. A sílaba é um outro ponto importante a elaborar, considerando as regularidades e padrões silábicos próprios do crioulo. Segundo Clements (2012), as palavras portuguesas com coda em /r/, sobretudo verbos e alguns substantivos, terminam no crioulo numa vogal para se criar a estrutura CV, em vez de se manter a estrutura CV/r/. O que se verifica é que o final -r dos verbos no infinitivo foi perdido no crioulo (e.g. [toma:] - [tu'mar]; [konta:] - [kõtar]). Ocorre este fenómeno também em alguns substantivos que, no português, terminam em -r (e.g. [luma:ra] - [luar]; [ma:ra] - [mar]). É de salientar que a preferência pela estrutura CV é uma tendência muito comum entre as línguas crioulas indo-portuguesas, assim como dos crioulos em geral. No entanto, é permitida a estrutura CVC quando /l/ está em coda (e.g. mal - [ma:l]; sal - [sa:l]). O mesmo acontece com as consoantes aproximante labiodental /v/ e aproximante palatal /j/ (e.g. ovo - [o:v]; fogo - [fo:v]; sujo - [su:j]; velho - [vɛ:j]). Pode-se inferir, portanto, que a estrutura silábica partilhada mais frequentemente entre as línguas crioulas é a estrutura CV. Nas palavras de Klein, existem vários estudos que defendem que a estrutura CV é a estrutura dominante nos crioulos: “Surveys of the structure of creole languages

have maintained that CV syllables, that is, open syllables consisting of a vowel preceded by a consonant, are dominant in the prosodic surface structure of these languages” (2013: 225). Porém, ver-se-á que as estruturas silábicas dos crioulos são muito mais variadas do que habitualmente se assume, assentando-se esta ideia com base nas estruturas silábicas que foram identificadas no *corpus* analisado.

Gráfico 1 - Contagem de palavras com maior número de sílabas entre o crioulo (Source) e o português (Target)

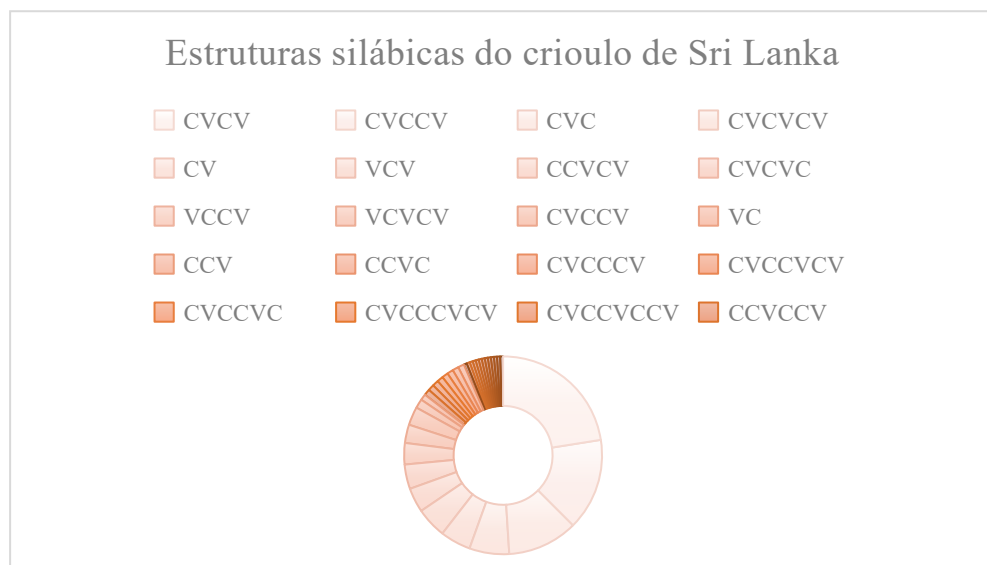


Fonte: Elaboração própria

O primeiro gráfico (gráfico 1) relaciona-se com a contagem do número de sílabas entre o crioulo (Source) e o português (Target), baseada nos dados da lista Swadesh. Através do gráfico, observa-se que o número de sílabas é, na maior parte das vezes, equivalente nas duas línguas (Equal), com a percentagem mais elevada de 77%. Em

relação aos restantes 23%, é de realçar o facto de que as palavras na língua crioula apresentam uma menor quantidade de sílabas do que no português. Enquanto 18% das palavras do português são compostas por um maior número de sílabas, no crioulo apenas 5% das palavras evidenciam uma quantidade silábica superior. Pode-se dizer, então, que existe uma variação mínima na complexidade silábica entre o português e o crioulo de Sri Lanka com base na lista Swadesh analisada. Contudo, se se pressupuser que as palavras no crioulo deveriam retratar um aumento silábico, confirma-se, a partir do gráfico, precisamente o contrário: nota-se uma diminuição no número de sílabas no crioulo, em oposição àquilo que normalmente se presume antecidadamente, ou seja, de que as palavras no português teriam um menor número de sílabas. Não é de todo incongruente afirmar que o crioulo revela, até certo ponto, um nível superior de complexidade, uma vez que consegue veicular uma grande diversidade de significados através de reduções silábicas em comparação com o português. Com recurso a menos sílabas, o crioulo é capaz de transmitir os mesmos significados que o português, tornando-o complexo nesta perspetiva.

Gráfico 2 - Estruturas silábicas possíveis no crioulo de Sri Lanka

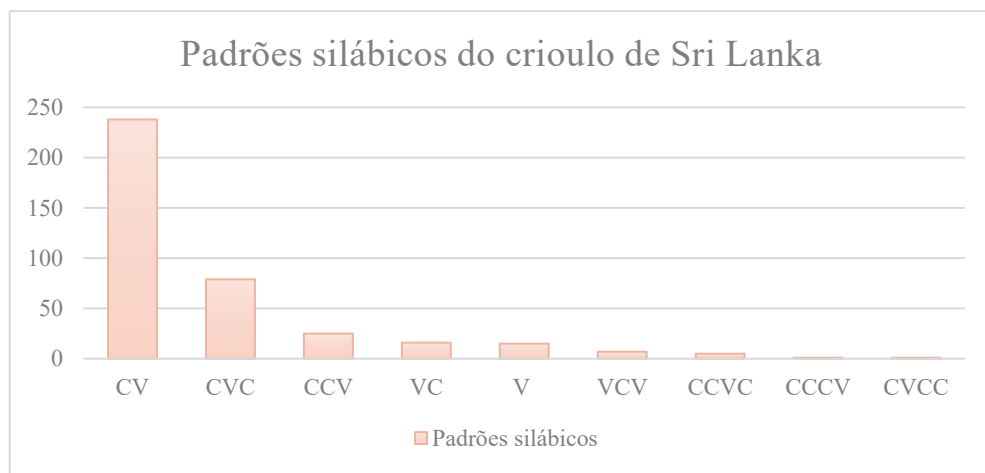


Fonte: Elaboração própria

O segundo gráfico (gráfico 2) põe em destaque as estruturas de tipo silábico possíveis no crioulo. Ao todo, foram detetadas 35 estruturas no *corpus* selecionado. Porém, no gráfico, só estão representadas algumas das estruturas principais. A estrutura com a frequência de manifestação mais elevada é a estrutura CVCV, a qual é captada em 45 palavras das 208 alistadas no *corpus* (e.g. [mura]). A seguir, as estruturas CVCCV (e.g. [sufra:]) e CVC (e.g. [bo:m]) são as que se destacam, sendo que foram detetadas em 30 e 23 palavras respetivamente. Muitas outras estruturas podem ser encontradas no *corpus* deste estudo, como se pode conferir no gráfico acima. Apesar

disso, é de frisar que muitas dessas estruturas são improváveis e surgem uma única vez na lista Swadesh investigada. A informação prevalectante prende-se com as múltiplas estruturas e possibilidades de sequências silábicas que o crioulo permite.

Gráfico 3 – Padrões silábicos do crioulo de Sri Lanka



Fonte: Elaboração própria

O último gráfico (gráfico 3), ainda relativo à sílaba, mostra os padrões silábicos possíveis no crioulo. Identificaram-se nove padrões retirados das palavras registadas no *corpus*. O padrão mais comum e recorrente no crioulo, como seria expectável, é o padrão CV (e.g. [ki.ma:] – consoante e vogal), com 238 ocorrências anotadas, correspondendo a 62%, seguido do padrão CVC (e.g. [kon.ta:] –

consoante, vogal, consoante) com 79 ocorrências, correspondendo a 21%, e, ainda, em terceiro lugar, o padrão CCV (e.g. [bri:ja] – consoante, consoante, vogal) com 26 ocorrências observadas, portanto, com um número muito mais reduzido em comparação aos primeiro e segundo lugares, atingindo a percentagem de 7%. Os restantes padrões (VC, V, VCV, CCVC, CCCV e CVCC) não são tão frequentes, mas são realizáveis. Tanto o padrão CCCV (e.g. [frvi:ta]) como o padrão CVCC (e.g. [majs.ka:r.da]) surgem apenas uma vez no *corpus*, podendo ser considerados estruturas muito raras, pouco consistentes e consolidadas nos padrões silábicos do crioulo de Sri Lanka.

Em terceiro e último lugar, um outro tópico a abordar nesta secção é a particularização da acentuação no crioulo. Uma das diferenças mais marcantes entre o crioulo e o português é a diferença na tonicidade e no alongamento ou não das vogais. Em ambas as línguas há um acento canônico (isto é, mais comum), dependendo da posição da sílaba acentuada (Smith, 1977). No português, o acento não é completamente previsível, mas quando se identifica onde a palavra é acentuada, o comprimento da vogal passa a ser previsível: as vogais tónicas são ligeiramente mais longas do que as vogais átonas no português (Smith, 1977). Já no crioulo, a tonicidade e a duração da vogal estão interligadas e são muito mais previsíveis do que no português. As palavras no crioulo contêm frequentemente uma vogal foneticamente longa lexicalmente marcada por um diacrítico “:” (este fator de marcação lexical observa-se em muitas das palavras da lista Swadesh). São as vogais foneticamente longas que são as acentuadas (e.g. [tɛ:ra]; [pe:si]; [tri:pa]).

Conforme Smith (1977), as regras de acentuação do crioulo podem ser estabelecidas da seguinte forma: as vogais curtas ou longas podem sofrer acentuação, mas quando há vogais longas, são as que carregam sempre o acento; uma palavra pode conter apenas uma vogal foneticamente longa e numerosas vogais curtas átonas; as vogais curtas podem ser enfatizadas apenas quando se encontram em sílabas iniciais (e.g. [mora]; [kuza]). Não se trata de um fenómeno meramente superficial, uma vez que é e deve ser representado lexicalmente em todas as palavras onde ocorre uma vogal longa. Esta questão da possibilidade de existência ou não de vogais longas poderá estar correlacionada com a origem das palavras. Ora, a hipótese que se coloca é a de que o português é percebido como uma língua que admite o alongamento de vogais, enquanto o inglês e o holandês, ou seja, os adstratos, são vistos como línguas mais favoráveis ao uso de vogais curtas em posição inicial. Com base no *corpus*, depreende-se que as palavras de origem portuguesa são quase sempre acompanhadas de uma vogal acentuada longa, marcada lexicalmente, à exceção de alguns determinantes, pronomes e verbos terminados em -er dissilábicos (e.g. eles - [etus]; eles - [eli]; beber - [beva]).

A partir dos exemplos fornecidos, percebe-se que o crioulo conservou muitos dos traços do português, mas também é legítimo identificar e reconhecer algumas das influências que os povos seguintes que ocuparam o território tiveram no vocabulário, nos sons e na acentuação da língua crioula em estudo. Para concluir este subtópico final, torna-se importante terminá-lo com as próprias palavras de Smith (1977, p. 63) que resumem este caso relativo ao acento: "(...) All surface long vowels are stressed. It is not true,

however, that all stressed vowels are long, and in initial syllables both stressed long and stressed short vowels are found.”

Considerações finais

Conclui-se, no que respeita aos fonemas, que o inventário fonológico do crioulo de Sri Lanka contém, em grande parte, os fonemas tanto consonânticos como vocálicos do português, à exceção de alguns fonemas que são próprios da fonologia do crioulo e que têm origem na Ásia ou nas línguas de substrato. Com referência à sílaba, o número de sílabas entre as duas línguas é pouco divergente, apesar de se observar uma diminuição na constituição silábica do crioulo em comparação com o português, isto é, o número de sílabas em algumas palavras do crioulo costuma reduzir, enquanto no português se mantém um maior número de sílabas. Em relação às estruturas silábicas do crioulo, as estruturas CVCV, CVCCV e CVC são as predominantes e destacam-se pelas suas elevadas ocorrências no *corpus*, principalmente a estrutura CVCV. Identificou-se, também, a diversidade dos padrões silábicos possíveis no crioulo, como por exemplo, os padrões CV, CVC e CCV, sendo o padrão CV o mais constante nas frequências observadas. Assinalaram-se outros padrões concebíveis mas que surgem raramente, como os padrões CCCV e CVCC, identificados uma única vez no *corpus*. Finalmente, analisaram-se as regras do acento no português e no crioulo. No português, o acento não é tão previsivelmente identificado. Já no crioulo existe, frequentemente, uma vogal foneticamente longa e lexicalmente marcada nas palavras, a qual é a acentuada.

Desdobramentos

Embora os resultados atingidos sejam significativos para o estudo e aprofundamento teórico sobre os crioulos, seria também proveitoso recuperar estes dados e compará-los com dados de *corpora* de outros crioulos de base lexical portuguesa. Desta forma, detetar-se-ia se os fonemas integrados nos inventários de outros crioulos são próximos ou muito distintos dos que constam na fonologia do crioulo de Sri Lanka, se os padrões silábicos seguem as mesmas inclinações e, também, se o acento pode desempenhar um papel determinante ou não nas palavras. Adicionalmente, seria pertinente investigar sobre diferentes tópicos relacionados com o crioulo em questão, e levar em consideração outros fatores que podem tornar o estudo sobre este tema mais aprimorado, como por exemplo, delimitar em que posições certos fonemas ocorrem com maior ou menor frequência ou explorar o número de vezes que um determinado fonema consonântico ou vocálico ocorre no *corpus*, completando-se a investigação com análises comparativas sobre os dados reunidos.

Referências

- Arends, J. (2001). Social stratification and network relations in the formation of Sranan. In N. Smith & T. Veenstra (Eds.), *Creolization and Contact* (pp. 291–307). Amsterdam: John Benjamins.
- Bakker, P., Daval-Markussen, A., Parkvall, M., & Plag, I. (2011). Creoles are typologically distinct from non-creoles. *Journal of Pidgin and Creole languages*, 26(1), 5–42. <https://doi.org/10.1075/jpcl.26.1.02bak>
- Bickerton, D. (1984). The language bioprogram hypothesis. *Behavioral and brain sciences*, 7(2), 173–221. <https://doi.org/10.1017/S0140525X00044149>

- Clements, J. C. (2012). Notes on the phonology and lexicon of some Indo-Portuguese creoles. In H. C. Cardoso, A. N. Baxter, & M. Pinharanda Nunes (Eds.), *Ibero-Asian Creoles: Comparative Perspectives* (pp. 15–46). Amsterdam: John Benjamins.
- Jackson, K. D. (1990). *Sing without shame: Oral traditions in indo-portuguese creole verse* (Vol. 5). Amsterdam: John Benjamins.
- Jayasuriya, S. de S. (2000). The Portuguese Cultural Imprint on Sri Lanka. *Lusotopie*, 7(1), 253–259. https://www.persee.fr/doc/luso_1257-0273_2000_num_7_1_1374
- Klein, T. B. (2013). Typology of creole phonology: Phoneme inventories and syllable templates. In *Creole languages and linguistic typology* (pp. 207–244). John Benjamins Publishing Company.
- Lefebvre, C. (1998). *Creole genesis and the acquisition of grammar: The case of Haitian Creole* (Cambridge Studies in Linguistics, 88). Cambridge: Cambridge University Press.
- McWhorter, J. H. (2001). The world's simplest grammars are creole grammars. *Linguistic Typology*, 5(2–3), 125–166. <http://dx.doi.org/10.1515/lity.2001.001>
- Mufwene, S. S. (2010). SLA and the emergence of creoles. *Studies in Second Language Acquisition*, 32(3), 359–400. <https://doi.org/10.1017/S027226311000001X>
- Muysken, P. (1988). Are creoles a special type of language? In F. J. Newmeyer (Ed.), *Linguistics: The Cambridge Survey* (Vol. 2, pp. 285–301). Cambridge: Cambridge University Press.
- Schleicher, A. (1863). *The Darwinian Theory and the Science of Language*. Weimar: Hermann Böhlau.
- Schuchardt, H. (1917). Sprachverwandtschaft. *Sitzungsberichte der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin*, 37, 518–529.

- Seuren, P., & Wekker, H. (1986). Semantic transparency as a factor in creole genesis. In Muysken, P., & Smith, N. (Eds.), *Substrata versus universals in creole genesis* (pp. 57–70). Amsterdam: John Benjamins.
- Silva, C. R. S. (2024). *Consonant stability of Portuguese-based creoles* (Tese de doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Silva, C., & Trigo, L. (2022). Exploring consonant frequency in Sri Lanka Portuguese. In *Proceedings of the Workshop on Deep Learning Approaches for Low-Resource NLP (DhandNLP) @PROPOR* (pp. 26–31). Springer.
- Smith, I. R. (1977). *Sri lanka creole portuguese phonology* (Ph.D. thesis). Cornell University, Ithaca, NY.
- Smith, I. R. (2013). Sri Lanka Portuguese structure dataset. In Michaelis, S. M., Maurer, P., Haspelmath, M., & Huber, M. (Eds.), *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. <http://apics-online.info/contributions/41>
- Swadesh, M. (1955). Towards greater accuracy in lexicostatistic dating. *International Journal of American Linguistics*, 21(2). 121–137. <https://doi.org/10.1086/464321>
- Thomason, S. G., & Kaufman, T. (1988). *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Velupillai, V. (2015). *Pidgins, Creoles and Mixed Languages*. Amsterdam: John Benjamins.

Apêndice:

[Lista Swadesh](#)